

**METADE CARA, METADE MÁSCARA: UM DIÁLOGO COM A DISCIPLINA DE  
LINGUAGENS DA ALTERIDADE**

**HALF EXPENSIVE, HALF MASK: A DIALOGUE WITH THE SUBJECT OF  
LANGUAGES OF ALTERITY**

**MITAD CARO, MEDIA MÁSCARA: UN DIÁLOGO CON EL SUJETO DE  
LENGUAS DE ALTERIDAD**

Patrícia Teresinha Correa Fiori Manfré<sup>1</sup>  
Rita de Cássia Moser Alcaraz<sup>2</sup>

**RESUMO**

O texto apresenta algumas denúncias, enquanto atualiza e informa o leitor sobre a situação dos povos indígenas no Brasil. Traz a verdadeira face das invasões, e revela que elas não ficaram no passado, mas ainda estão no presente e, permanecerão no futuro. A violência e o racismo trazem solidão às mulheres indígenas, e de modo geral, provocam insegurança familiar, distúrbios, medo, pânico, loucura, suicídio, violência interpessoal, alcoolismo, timidez e baixa autoestima. Estes são os assuntos apresentados por Eliane Potiguara, em “*Metade cara, metade máscara*”, os quais serão abordados num diálogo com a disciplina de “Linguagens da alteridade”, tendo como embasamento teórico, autores que trazem em suas obras muitas reflexões sobre as situações e heranças deixadas pelo colonialismo.

**ABSTRACT**

The text presents some complaints, while updating and informing the reader about the situation of indigenous peoples in Brazil. It brings the true face of the invasions, and reveals that they were not in the past, but are still in the present and will remain in the future. Violence and racism bring loneliness to indigenous women and, in general, cause family insecurity, disturbances, fear, panic, madness, suicide, interpersonal violence, alcoholism, shyness and low self-esteem. These are the subjects presented by Eliane Potiguara, in “Half face, half mask”, which will be addressed in a dialogue with the discipline of “Languages of alterity”, having as theoretical basis, authors who bring in their works many reflections on situations and legacy left by colonialism.

**ABSTRACTO**

El texto presenta algunas quejas, al tiempo que actualiza e informa al lector sobre la situación de los pueblos indígenas en Brasil. Trae la verdadera cara de las invasiones y revela que no fueron en el pasado, sino que todavía están en el presente y permanecerán en el futuro. La violencia y el racismo traen soledad a las mujeres indígenas y, en general, provocan inseguridad familiar, disturbios, miedo, pánico, locura, suicidio, violencia interpersonal, alcoholismo, timidez y baja autoestima. Estos son los temas que presenta Eliane Potiguara, en “Mitad rostro, mitad máscara”, que serán abordados en diálogo con la disciplina de “Lenguajes de la alteridad”, teniendo como base teórica, autores que aportan en sus obras muchas reflexiones. sobre situaciones y legado dejado por el colonialismo.

**A POESIA DE RESISTÊNCIA DE ELIANE POTIGUARA EM “METADE CARA,  
METADE MÁSCARA”**

---

<sup>1</sup> Mestranda e professora na UniEnsino.

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela UFPR.

Ao relatar sobre o processo migratório de sua família, quando suas terras indígenas foram tomadas pelo colonizador, a autora Eliane Potiguara traz uma literatura que mistura: ficção, fatos verídicos, história pessoal e poesia.

Faz denúncias às condições vivenciadas pelas mulheres indígenas que trabalham como mão-de-obra quase escrava, como empregadas domésticas, nas plantações de algodão, ou que por um pouco de comida, sujeitam-se a ser objeto de cama e mesa, sendo submetidas a todo tipo de agressão física. Além do tráfico de mulheres indígenas.

...a construção do sujeito colonial em discurso do poder colonial pelo discurso implica uma articulação de formas de diferença – racial e sexual. (BHABHA, p. 179, 1991)

Assim, para situar o leitor nas situações que serão apresentadas, Eliane cria dois personagens fictícios, atemporais e sem locais específicos de origem, que sobrevivem à colonização e vão contar suas dores. São eles: *Jurupiranga* e *Cunhataí*. A história deles é apresentada, hora em forma de poema, hora como narrativa ficcional. E tem a finalidade de apresentar a dor de uma líder indígena de etnia *Guarani Sepé Tiraju*, que teve seu companheiro assassinado em 1756, pela invasão dos exércitos portugueses e espanhóis. Por meio da poesia, *Cunhataí* expressa sua solidão e o seu clamor indígena pelo fim da ação opressora e desmedida do colonizador.

BOCA VERMELHA. guerreiros das cordilheiras, cansado... Repousa adormecido sob o orvalho.  
Abriram-lhe os olhos rubros raios solares,  
Aromas silvestres, canções da mata.  
Era cunhataí – trêmula – errante das águas,  
envolta em folhagens, flores mas sem abrigo... (POTIGUARA, p. 31, 2004).

Este é o início do texto publicado em pôster em 1982, com o título de “*ATO DE AMOR ENTRE POVOS*”, por Eliane Potiguara, o qual é utilizado para dar vida aos personagens que irão abordar temas sobre migração e racismo. Apresentando a colonização e a neocolonização, por parte de empresários, políticos e religiosos como responsáveis pelos distúrbios provocados na natureza e conseqüentemente aos povos indígenas.

No processo de defesa às mulheres indígenas, Eliane Potiguara, cria o “*Grumin*” em 1976, o qual é oficializado juridicamente em 1986, em uma época que não existiam ONGs, a autora já levantava a bandeira da invisibilidade da mulher indígena. Além de defender outras pautas referentes a luta das demais etnias, o grupo possui como objetivos: promoção dos povos indígenas, desenvolvimento de consciência crítica, promoção da multiplicação de organizações de mulheres indígenas no Brasil.

Antes do processo de escravização, da colonização, a mulher indígena tinha o mesmo papel de decisão que os pais, maridos e irmãos. A palavra final era da mulher, e com a chegada dos estrangeiros, a mulher passou para a retaguarda, onde permanece até hoje. Esta alteração do curso cultural indígena trouxe estranhamento para todos os povos, que não conseguiam entender as novas exigências, enquanto lutavam contra a nova forma de hierarquia.

Said traz uma citação, que embora esteja relacionada à submissão do povo egípcio à supremacia ocidental, traduz bem a ação colonizadora imposta pelo colonizador europeu às suas colônias, como forma de justificar sua ação autoritária.

... são uma raça submetida, dominados por uma raça que os conhece e sabe o que é bom para eles melhor do que eles poderiam jamais saber por si mesmos. (SAID, p. 45, 1990).

As imposições coloniais são severas e trazem muitos prejuízos aos povos indígenas, que buscam não só sobreviver, mas também manter suas tradições, língua e territórios protegidos. O que traz muita angústia e desânimo, como a autora bem coloca ao analisar as colocações apresentadas por Frantz Fanon em “Condenados da Terra” (1968).

O processo de opressão, de violência, tortura e repressão, deixa o povo anestesiado, cabisbaixo, triste, infeliz e até louco, de tanto lutar pela libertação nacional. (POTIGUARA, p. 46, 2004).

A materialização desta constatação, ocorre quando a autora descobre na TV de que estava em uma lista de nomes de pessoas marcadas para morrer, pois havia preferido não se calar, havia decidido não aderir às imposições de submissão. Porém, a opressão e a repressão falaram mais alto, e esta notícia a fez parar por 9 anos e refletir. Sua luta incomodou muita gente. E neste período retirou nódulos de sua garganta, por não poder continuar com suas atividades, por ter seu grito abafado, por ter sido estrangulada pelo silêncio sufocado.

ESPERANÇA  
O que é da vida?  
Se sofremos...  
Se choramos...  
Por que não sorrir?  
E deixas o rio de mágoas  
Que nos sufoca.  
Secar ao sol da esperança  
Da vontade de viver...  
Da vontade de nossa terra.  
(POTIGUARA, p. 125, 2004).

Assim, o colonizador, na perspectiva de Eliane Potiguara, ri e incute maus valores em alguns membros indígenas, o que faz surgir neles a discórdia, a inveja, a mentira, a intriga e a luta pela liderança. Eles são contaminados pelo poder dos colonizadores, e perdem o sentimento de paz, solidariedade, amor ao próximo, companheirismo e cooperação, só vislumbram o materialismo. Portanto, a luta também é contra a neocolonização, que traz os traços de um colonizador preconceituoso e racista, que deixa um rastro de devassidão quase irreparável. E podemos observar nos seguintes versos:

ESSÊNCIA INDÍGENA  
Um dia  
Esse corpo vai apodrecer  
E eu vou ser verdade...  
Então eu vou ser feliz.  
(POTIGUARA, p. 61, 2004)

A referência a participação da presença dos Guaranis no Congresso Nacional em 1988, por ocasião das atividades políticas que conduziam à luta dos povos indígenas dentro da Assembleia Constituinte, é apresentada para reforçar que a os indígenas, ao contrário que alguns pensavam, não só permaneceram firmes em suas tradições e costumes, como se adaptaram aos novos tempos, impedindo que a neocolonização avançasse a passos largos rumo a desumanização dos povos indígenas.

Para a autora, um dos fatores primordiais para a resistência das etnias indígenas contra tantos desmandos promovidos contra à comunidade indígena, e a opressão e submissão colonizadora, é a importância que eles dão à família, aos avós e aos seus antepassados. A permanência nesta tradição contribui para o fortalecimento das etnias enquanto buscam seus direitos e se organizam na sociedade. Referente a tanta resistência e permanência na defesa dos povos indígenas, ela escreve:

A coisa mais bonita que temos dentro de nós mesmos é a dignidade. ...Bonito é florir no meio dos ensinamentos impostos pelo poder. Bonito é florir no meio do ódio, da inveja, da mentira ou do lixo da sociedade. Bonito é sorrir ou amar quando uma cachoeira de lágrimas nos cobre a alma! Bonito é poder dizer sim e avançar. Bonito é construir e abrir portas a partir do nada. Bonito é renascer todos os dias. Um futuro digno espera os povos indígenas de todo o mundo. (POTIGUARA, p. 79, 2004).

Portanto, para a autora o importante é não deixar as raízes, é buscar a sabedoria dos mais velhos e permanecer na tradição, não deixar os ensinamentos se perderem, mas mantê-los, ainda que seja necessário utilizar os mesmos meios dos colonizadores, ou seja, utilizando a escrita, a literatura.

E em relação invisibilidade feminina na sociedade, Eliane Potiguara faz a seguinte pergunta: “Por que aguentamos tanta violência?”

Colonialismo epistemológico. A colonização requer mais do que a subordinação material de um povo, ela fornece os meios pelos quais as pessoas são capazes de se expressarem e se entenderem. (FANON, p. 15, 2018).

Ou seja, a sociedade faz com que certas situações sejam tidas como “normais”. Ao ditar as regras de comunicação, o processo de colonização leva as pessoas a questionarem a legitimidade das ações de opressão, desta forma em muitos momentos a vítima, aqui refere-se as mulheres, passa a ser responsável pela agressão recebida, numa espécie de “merecimento”, por ter feito algo que não deveria ter feito. Um completo absurdo.

MULHERES DO FUTURO  
Enquanto geme calada  
Não mais teme a solidão  
Corroída e amofinada  
Vence o câncer que a maltrata.  
Anda só em pele e osso  
Com vergonha da agonia  
Caladinha seca o olho  
Das lembranças e da ironia.  
Se querem cortem logo a sua língua  
Se querem injetem logo essa morfina  
Porque pra ser mulher determinada  
O sorriso aparece na verdade  
Mas a tristeza está sempre presente.  
(POTIGUARA, p. 76, 2004).

Embora a pergunta colocada acima, seja para reflexão de todas as mulheres, o objetivo foi o de chamar a atenção das mulheres dos seguimentos dos povos indígenas e afrodescendentes, para que reforcem a sua mulher interna, buscando forças em sua ancestralidade, nos ensinamentos dos mais velhos e nos laços familiares.

Ao reforçar que a neocolonização traz opressão, impõe o racismo e a destruição da *persona*, aproveita para reiterar que, para lutar contra esta desumanização e combater estes males, a chama da alma deve ser acesa nas raízes da ancestralidade, ou seja, não se deve perder a identidade nem os valores das tradições das diferentes etnias indígenas e africanas, a força vem da família.

Outra questão trazida pela autora é sobre a importância do território para o indígena, o qual é sinônimo de vida, não é apenas um pedaço ou vastidão de terras, é o mesmo que possuir ética e dignidade. É um conjunto de elementos que compõem e legitimam a existência indígena. Assim exaltar é preservar, é a valorizar aquilo que não é valorizado como deveria ser. Exaltação é afirmação na poesia e na vida.

Neste sentido, a colonização trouxe o que Catherine Walsh coloca como – “...cada política se vale para ofuscar tanto a subordinação colonial, quanto as consequências da diferença colonial...”. (pág. 24). Ou seja, ainda que o Brasil hoje seja um país livre, as sequelas permanecem na deocolonização, e que de certa forma foi traduzido no poema:

AGONIA DOS PATAXÓS  
Às vezes  
Me olho no espelho  
E me vejo tão distante  
Tão fora do contexto!  
Parece que não sou daqui  
Parece que não sou desse tempo.  
(POTIGUARA, p. 60, 2004).

O sentimento de “coisificação”, adotado no processo de colonização para justificar a soberania de um povo em detrimento de outro, existiu (e pode-se dizer ainda existe) para que atitudes de violência e práticas abusivas fossem tidas como “normais”, e não como um processo de desumanização. Tal sentimento perfaz os tempos e deixa marcas como as expressas no poema mencionado acima, o que se traduz num “sentimento de inexistência” referido por Fanon em “*Pele Negra, máscara branca*” (FANON, p. 125, 1976).

Para reforçar o que Edward W. Said chamou de “autoridade e negação da autonomia”, quando apresenta “o europeu como um ser que é racional, virtuoso, maduro ‘normal’...”. (SAID, p. 50, 1990), vamos observar um trecho da fala do chefe da nação indígena Macuxi publicada no Jornal do Brasil, em 10 julho, 1980:

Quando o homem branco chegou nas nossas terras, índio pensava que branco era do lado de Deus, índio pensava que Deus tinha vindo visitar. De fato, branco tem tudo e índio não tem nada. (...) Mas branco, veio e roubou nossas terras; e o índio não podia mais caçar... Falou que as terras boas eram dele, falou que os peixes dos rios e dos lagos eram dele. Depois trouxe doença. E o índio se revoltou. Então o branco matou nossos avós, matou-os, massacrou-os muito, e o índio fugia tão rápido como a coisa mais rápida. Então o índio entendeu que o Deus do branco era ruim”.  
(POTIGUARA, p. 45, 2004).

Esta declaração é uma tradução da simplicidade e da humanidade dos povos indígenas, as quais foram desvirtuadas pela ação colonizadora. O que se traduz como um retrocesso, pois precisam reconstruir algo que já se tinham, que já possuíam: liberdade e identidade.

A confusão instaurada pelo processo de colonização é identificada por Homi K. Bhabha como: “domesticar o estilo de vida ambicioso do nativo”, em outras palavras, é retirar a liberdade, a identidade e a dignidade.

...Os nativos, assim encontram-se 'individualizados' através do testemunho racista da ciência e da sabedoria colonial administrativa... (BHABHA, p. 185, 1991).  
...O poder colonial produz o colonizado com uma realidade fixa que é imediatamente em 'outro' e ainda inteiramente conheável e visível". (BHABHA, p. 186, 1991).

A instalação do racismo e do preconceito, a identificação de um outro incapaz e deficitário, o qual pode ser reconhecido por suas características físicas, seu fenótipo, e assim facilmente marginalizado. O que traduz num sentimento de inferioridade de impotência o qual é refletido no poema:

BRASIL  
Que faço com minha cara de índia?  
E meus cabelos  
E minhas rugas  
E minha história  
E meus segredos?  
Que faço com minha cara de índia?  
E meus espíritos  
E minha força  
E meu Tupã  
E meus círculos?  
...  
(POTIGUARA, p. 34, 2004).

É a manifestação silenciosa de uma superioridade ocidental, de uma hierarquização que visibiliza o outro negativamente para aumentar o seu poder de dominação. Embora o texto traga relatos da situação geral do povo indígena, da luta das minorias, e das mulheres, o foco é a mulher indígena. Repetidas vezes é apresentada a violência e a situação de desumanização das mulheres indígenas.

Os poemas são notoriamente intensos, e quase não conseguimos sentir a força com que são expressados, pois falam de uma dor, de uma ausência, de uma solidão e de uma esperança, que somente os povos indígenas podem compreender na sua totalidade, pois vivenciaram e vivenciam com mais intensidade os efeitos da colonização e da neocolonização, uma vez que são os mais afetados por suas consequências.

Além disso, eles expressam o sonho, e a esperança de que os povos indígenas sejam um dia reconhecidos como Patrimônio brasileiro, e possam retornar e retomar suas terras, crenças e rituais, sendo respeitados por isso.

Enfim, a leitura do texto é densa, pois traz quinhentos anos de história em pouco mais de cento e trinta páginas. Os relatos, que hora são contatos de forma fictícia, hora apresentam informações reais, hora são narração biográfica, e também são poemas, trazem uma profunda reflexão de uma mulher indígena, que é apaixonada por sua história, por sua origem, por sua ancestralidade, por sua gente.

A finalização da história de *Cunhataí e Jurupiranga*, que não mais se encontram, mas choram suas dores, e no encontro de suas lágrimas, têm a certeza do retorno a sua terra natal, de que seu povo está forte, consciente e tranquilo em suas convicções, povo ético e construtor da paz. O poema final chama-se “*Cunhataí*”, e são fragmentos do texto “ATO DE AMOR ENTRE POVOS”, do pôster publicado em 1982. (pág.135-138).

...  
E os POTIGUARAS, comedores de camarão  
Que HOJE – carentes  
Nos recomendarão a Tupã.  
E te darão o anel do guerreiro – parceiro  
Me darão a honra de Nome  
A ESPERANÇA – meu homem!  
De uma Pátria sem fim  
...  
(POTIGUARA, p. 137-138, 2004)

Finalizo este diálogo com o desejo de ter contribuído a análise de que o entendimento da questão do “outro” se evidencia nos poemas de Eliane Potiguara, na busca da alteridade entre os povos.

## REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi K. **A questão do “outro”. Diferença, discriminação e o discurso do colonialismo.**

FANON, Frantz. **Os condenados da terra.** Tradução de Renato da Silveira. Rio de Janeiro: Editora Brasileira, 1968.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras Brancas.** Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2018.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pós-modernismo e política.** 2º ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

POTIGUARA, Eliane. **Metade cara, metade máscara.** São Paulo: Global, 2004.

SAID, Edward W. **O Orientalismo, o oriente como invenção do ocidente.** Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das letras, 1990.



WALSH, Catherine. **Interculturalidade e Decolonialidade do poder um pensamento e posicionamento “outro” a partir da diferença Colonial**. Revista Eletrônica da Faculdade de Direito da Universidade de Pelotas. V. 5, N. 1, Jan-Jul, 2019.